

MILLÔR FERNANDES

A ENTREVISTA



UMA IMAGEM

Antigamente, e parece que foi antes de ontem, não era entrevista. Era papo.

Conversa entre amigos. Conversa entre gaúchos. Sim, eu também era um pouco gaúcho, de tanto ir a Porto Alegre.

E não vou provar isso em palavras. Provo em imagem que, como lá diz o outro, vale mil palavras. Vê aí.

Millôr Fernandes
fevereiro de 2011



Fotos: Ivan Pinheiro Machado

Leia na página 99 a história desta foto.

APRESENTAÇÃO

Em 1981 Millôr Fernandes foi a Porto Alegre. A L&PM Editores – que já editava Millôr desde 1976 – publicava uma revista cultural em formato de livro, a saudosa *Oitenta*. A ideia era fazer uma revista inspirada na *Granta* inglesa, de aproximadamente 250 páginas, com temas gerais produzidos por grandes intelectuais. Ela teve muita repercussão nos nove números que foram publicados entre 1980 e 1983. Pelas páginas da *Oitenta* passaram escritores, poetas, filósofos, jornalistas como Paulo Francis, Ferreira Gullar, Josué Guimarães, Luis Fernando Verissimo, Moacyr Scliar, Hélio Pellegrino, Cyro Martins, além de Carlos Fuentes, Cornelius Castoriadis, García Márquez, Federico Fellini, Woody Allen, Jean-Paul Sartre, Gore Vidal, Vargas Llosa, Umberto Eco, Bukowski, Kerouac, entre tantos outros.

Os editores eram José Antonio Pinheiro Machado, José Onofre, Paulo Lima e eu. Esta equipe foi reforçada por Jorge Polydoro (então capista oficial da *Oitenta*) e, numa noite memorável na casa de José Onofre,

fizemos uma entrevista com Millôr Fernandes que foi publicada na *Oitenta 5* em julho de 1981. Millôr estava numa noite de confissões. Favorecido pelo clima fraternal que reinava no pequeno, mas confortável apartamento próximo à praça da Matriz, no centro histórico de Porto Alegre, ele falou sobre sua infância, sua paixão pela profissão, sobre ditadura, psicanálise, mulheres, amigos, ética e muitos outros assuntos.

Passaram-se quase 30 anos e Millôr confirma a impressão que tínhamos – de que foi uma das melhores entre as milhares de entrevistas que ele deu.

Com exceção do nosso grande amigo, jornalista e escritor José Onofre, falecido em 2008, os meninos que inquiriram Millôr Fernandes durante sete horas naquela longínqua madrugada hoje são quase todos sessentões. A L&PM cresceu, é a editora da maior coleção de livros de bolso do Brasil, e o Lima e eu seguimos pilotando este projeto. O José Antonio Pinheiro Machado, jornalista, advogado, tornou-se – no papel de Anonymus Gourmet – um dos astros da televisão brasileira. Jorge Polydoro, jornalista e arquiteto, dirige a revista *Amanhã*, uma das principais revistas de negócios do país. Só Millôr continua o mesmo.

Hoje, passados quase 30 anos, esta entrevista é valorizada também pelo ambiente em que foi realizada. Estávamos ainda em plena ditadura, embora na sua fase final. Os famosos “anos de chumbo”, iniciados com o golpe militar de 1964, acabariam somente em 1985, quando José Sarney assumiu a presidência da

República no lugar do presidente eleito de forma indireta Tancredo Neves, internado gravemente doente na véspera da posse.

Este livro é uma oportunidade de resgatar um momento importante do jornalismo cultural brasileiro; uma entrevista em que você terá o pensamento, as ideias e quase a intimidade de um dos mais importantes intelectuais brasileiros em todos os tempos.

*Ivan Pinheiro Machado
fevereiro de 2011*



Millôr Fernandes, José Antonio Pinheiro Machado e Jorge Polydoro, durante a entrevista.

SOBRE O AUTOR I

(por ele mesmo)

Millôr Fernandes nasceu. Todo o seu aprendizado, desde a mais remota infância. Só aos 13 anos de idade, partindo de onde estava. E também mais tarde, já homem formado. No jornalismo e nas artes gráficas, especialmente. Sempre, porém, recusou-se, ou como se diz por aí. Contudo, no campo teatral, tanto então quanto agora. Sem a menor sombra de dúvida. Em todos seus livros publicados vê-se a mesma tendência. Nunca, porém diante de reprimidos. De 78 a 89, janeiro a fevereiro. De frente ou de perfil, como percebeu assim que terminou seu curso secundário. Quando o conheceu em Lisboa, o ditador Salazar, o que não significa absolutamente nada. Um dia, depois de um longo programa de televisão, foi exatamente o contrário. Amigos e mesmo pessoas remotamente interessadas – sem temor nenhum. Onde e como, mas talvez, talvez – Millôr, porém, nunca. Isso para não falar em termos públicos. Mas, ao ser premiado, disse logo bem alto – e realmente não falou em vão. Entre todos os tradutores brasileiros. Como ninguém ignora. De resto, sempre, até o Dia a Dia. (M.F.)

SOBRE O AUTOR II

(Autobiografia de mim mesmo à maneira
de mim próprio)

E lá vou eu de novo, sem freio nem paraquedas. Saíam da frente, ou debaixo que, se não estou radioativo, muito menos estou radiopassivo. Quando me sentei para escrever vinha tão cheio de ideias que só me saíam gêmeas, as palavras – reco-reco, tatibitate, ronronar, coré-coré, tom-tom, rema-rema, tintim por tintim. Fui obrigado a tomar uma pílula anticoncepcional. Agora estou bem, já não dói nada. Quem é que sou eu? Ah, que posso dizer? Como me espanta! Já não se fazem Millôres como antigamente! Nasci pequeno e cresci aos poucos. Primeiro me fizeram os meios e, depois, as pontas. Só muito tarde cheguei aos extremos. Cabeça, tronco e membros, eis tudo. E não me revolto. Fiz três revoluções, todas perdidas. A primeira contra Deus, e ele me venceu com um sórdido milagre. A segunda com o destino, e ele me bateu, deixando-me só com seu pior enredo. A terceira contra mim mesmo, e a mim me consumi, e vim parar aqui. ... Dou um boi pra não entrar numa briga. Dou uma boiada pra sair dela. ...Aos quinze (anos) já era famoso em várias partes do mundo, todas elas no

Brasil. Venho, em linha reta, de espanhóis e italianos. Dos espanhóis herdei a natural tentação do bravado, que já me levou a procurar colorir a vida com outras cores: céu feito de conchas de metal roxo e abóbora, mar todo vermelho, e mulheres azuis, verdes, ciclames. Dos italianos que, tradicionalmente, dão para engraxates ou artistas, eu consegui conciliar as duas qualidades, emprestando um brilho novo ao humor nativo. Posso dizer que todo o País já riu de mim, embora poucos tenham rido do que é meu. Sou um cren-te, pois creio firmemente na descrença. ...Creio que a terra é chata. Procuo em vão não sê-lo. ...Tudo o que não sei sempre ignorei sozinho. Nunca ninguém me ensinou a pensar, a escrever ou a desenhar, coisa que se percebe facilmente, examinando qualquer dos meus trabalhos. A esta altura da vida, além de descendente e vivo, sou, também, antepassado. É bem verdade que, como Adão e Eva, depois de comerem a maçã, não registraram a ideia, daí em diante qualquer imbecil se achou no direito de fazer o mesmo. Só posso dizer, em abono meu, que ao repetir o Senhor, eu me empreguei a fundo. Em suma: um humorista nato. Muita gente, eu sei, preferiria que eu fosse um humorista morto, mas isso virá a seu tempo. Eles não perdem por esperar. Há pouco tempo um jornal publicou que Millôr estava todo cheio de si por ter recebido, em sua casa, uma carta de um leitor que estava assim sobrescritada: “Millôr Ipanema”. É a glória! (M.F.)

MILLÔR FERNANDES
A entrevista

O grande escritor brasileiro conversou durante mais de sete horas com a equipe de *Oitenta* sobre o seu trabalho, o trabalho dos outros, política, literatura, mulheres e homens.

Millôr – Eu quero fazer um pequeno introito a esta entrevista absolutamente sincero: não gostaria de estar dando esta entrevista. Estou porque gosto muito fraternalmente – como não posso dizer fraternalmente por causa da idade, eu costumo dizer fra-paternalmente – do Lima e do Ivan. Por osmose comecei a gostar dos outros. Eu só não digo que estou começando a ficar gaúcho porque não tenho rebolado gaúcho. Agora – nada, na minha estrutura, *soi disant* intelectual, com todas as aspas, me conduz a dar uma entrevista a sério, sobretudo a pessoas altamente respeitáveis como vocês. Quero que fique gravado nesta entrevista: realmente, eu não me levo a sério. Mas na proporção em

que o tempo passa, a idade avança, as pessoas vão te levando insuportavelmente a sério, e você acaba assumindo um mínimo disso.

– *Quando você começou no Jornalismo?*

Millôr – Eu comecei a trabalhar no dia 28 de março de 1938; tinha 13 pra 14 anos de idade. E essa é uma das coisas de que me orgulho – a minha van-glória – a consciência profissional. Eu era um menino solto no mundo, uma vida que dependia só de mim mesmo. Naquela época, o Ministério do Trabalho era recém-fundado. O meu empregador já era *O Cruzeiro*. Pedi que me assinassem a carteira de trabalho. Quando cheguei em casa (uma pensão) e vi que a data que estava lá na carteira era a data em que eu havia pedido a assinatura da carteira e não a em que eu havia começado a trabalhar, voltei e pedi retificação. Veja você,

**A imprensa brasileira sempre foi canalha.
Se fosse um pouco melhor poderia ter uma
influência maravilhosa sobre o país.**

um menino com menos de 14 anos, sem nenhuma influência ideológica de trabalhismo, de nada, apenas com aquela consciência de que *tinha* direito. Então a carteira diz assim: “onde se lê tal, leia-se tal data”. Está lá registrado o primeiro dia de trabalho: 28 de março

de 1938. Já fiz 43 anos de jornalismo, mais anos do que vocês, em conjunto, têm de vida.

– *Obrigado pela generosidade. Você acha que o jornalismo brasileiro melhorou muito de lá pra cá?*

Millôr – Muito, tecnicamente. Lamentavelmente, porém, do ponto de vista ético, moral e social, melhorou muito pouco. E já era quase criminosamente ruim naquela época. Conforme você sabe, eu não tenho nenhuma formação marxista, não acredito em excessivos determinismos históricos. É evidente, é liminar, que as forças de produção regem muitas coisas. É liminar que o *contexto* da sociedade reja fundamentalmente muitas coisas. Agora – o que não é liminar é o seguinte: há forças metafísicas, há entrerrelações no mundo que não estão previstas em qualquer ideologia; a isso eu chamo o anticorpo. O Marx é o próprio anticorpo dentro da sociedade em que vivia. Se as teorias de Marx fossem perfeitas, ele não existiria. Porque o contexto social e as relações de produção da época não o previam, não o permitiram. Você pode dizer que a imprensa é resultado do meio, a imprensa é resultado da sociedade em que funciona. Certo. Mas, às vezes, por força de um indivíduo, ou por força de um pequeno grupo de indivíduos, ela pode se antecipar ao seu meio e fazer progredir esse meio. Mas a imprensa brasileira sempre foi canalha. Eu acredito que se a imprensa brasileira fosse um pouco melhor

poderia ter uma influência realmente maravilhosa sobre o país. Acho que uma das grandes culpadas das condições do país, mais do que as forças que o domi-

É possível fazer imprensa com independência.
Se o *Canard Enchaîné* faz, se o *Le Monde*
faz, por que não se pode fazer no Brasil?

nam politicamente, é nossa imprensa. Repito, apesar de toda a evolução, nossa imprensa é lamentavelmente ruim. E não quero falar da televisão, que já nasceu pusilânime.

– *Há um consenso de que a imprensa brasileira, tecnicamente, teria atingido uma qualidade comparável com o que de melhor se faz no mundo.*

Millôr – De acordo. A revista onde trabalho, *Veja*, é um exemplo, tem todas as possibilidades; praticamente iguais às da *Time*. A TV Globo só não tem mais possibilidades porque não quer. Ela pode mandar 30 repórteres amanhã pra Polinésia com o poder que tem, fazer a cobertura que quiser. Mas só age em função do merchandising. Nos falta até o contraste, que existe em países supercapitalistas como os Estados Unidos, onde o choque de interesses é tão violento que faz da imprensa americana a melhor imprensa do

mundo. Quando o *New York Times* não quer dar cobertura a um setor, o *Washington Post* vai em cima. A França tem dois fenômenos de boa imprensa: são *Le Monde* e *Le Canard Enchaîné*: prova de que a chamada imprensa burguesa, ou a imprensa dentro de países burgueses, pode ser realmente a expressão de uma absoluta liberdade, maior do que em países socialistas (nestes não há imprensa: há boletins).

É possível fazer imprensa com independência. Se o *Canard Enchaîné* faz, se o *Le Monde* faz, por que não se pode fazer no Brasil? É uma coisa que pode parecer até brincadeira: quando nós fizemos o *Pasquim*, num certo momento eu disse pro pessoal: “Olha, eu sou o único comunista daqui”. Eu acreditava que aquele negócio fosse mesmo um negócio comunitário, para o bem público. É verdade! Os que se presumiam comunistas (não só eles!) começaram a roubar da maneira mais deslavada, mais escrota possível. Mas que se pode fazer dentro de um contexto capitalista, de um contexto burguês, uma imprensa de alta eficiência

E chega de heróis. O homem tem que se convencer de que o mais importante de tudo é o dia a dia.

social voltada para o bem público, isso se pode, sim! Dei provas: você tem o *Le Monde* e o *Canard Enchaîné*, duas coisas até bem contrastantes.

– *Em Nova York, há um Village Voice, e um canal 13 de televisão orientado como serviço público. Por que no Brasil não existem condições, neste momento ao menos, de se ter uma imprensa alternativa – mas não marginal – de grande penetração na sociedade? Por que não existe isso?*

Millôr – Respondo voltando àquela velha anedota de Deus criando o mundo: todo mundo conhece. Alguém (havia mais “alguém” por ali?) reclamou que Deus tinha feito este país maravilhoso, sensacional. O Chile foi feito cheio de terremotos, o Paraguai tinha pântanos incríveis, outro país tinha furacões, o outro tinha desertos e o escambau e, de repente, no Brasil não tinha nada desastroso: florestas maravilhosas, mares maravilhosos, montanhas lindas. Aí Deus parou e disse: “Espera porque você vai ver a gatinha que eu vou botar lá”.

– *Que tipo de imprensa poderia contribuir melhor pro bem social?*

Millôr – Estou pensando, além dos que já citei, no *Village Voice*. Hoje, um jornal rico. Já é até um jornal do sistema. Talvez hoje, curiosamente, jornais maiores, como o *Washington Post* e o *New York Times*, para falar dos dois que sempre se confrontam, ajam mais em função do bem público do que o *Village Voice*. Mas a

imprensa alternativa (e o *Village Voice* foi um dos seus grandes exemplos), eu acho que ela é a grande solução para a liberdade de expressão. Os jovens precisavam se conscientizar disto. Saber que eles podem fazer um jornal que, ocasionalmente, vai ficar preso ao bairro, mas é importante que o bairro seja protegido, é importante que as misérias do bairro sejam mostradas ao poder público, até que o poder público chegue àquele negócio mínimo (que é o máximo!) que é consertar o buraco da rua. Não se vai partir para a solução do mundo partindo do macrocosmo; precisamos partir do microcosmo, não tenha dúvida nenhuma. Cristo começou com uma cruz só. Essa pretensão do homem de fazer o organograma universal acaba em Delfim Neto*, acaba em tecnocracia, acaba em “herói”. E chega de heróis. O homem tem que se convencer de que o mais importante de tudo é o dia a dia. O homem vive é todo dia. A maior utopia é a resistência diária. Ser herói é fácil. Herói se faz em três meses. Tem amigos nossos, feito o Gabeira, que fazem três meses de heroísmo, viram heróis de todos os tempos e passam a viver disso. E é aquele negócio, é bicha porque está na moda, elogia mulher porque está na moda, é incapaz de dizer alguma coisa contra a corrente, mesmo que a corrente seja lamentável, odiosa, reacionária.

* O deputado Delfim Neto (1928-) foi Ministro da Fazenda entre 1967 e 1974, no período da ditadura militar. (N.E.)

– E você acha, por exemplo, que os jornais alternativos estão contribuindo pra alguma coisa neste sentido no Brasil?

Millôr – Neste momento estão um pouco em recesso. Mas de qualquer forma estão contribuindo. A maior contribuição que foi dada à imprensa brasileira, nos últimos tempos, foi a imprensa opcional a partir do *Pasquim*, não tenho dúvida nenhuma. Mas a própria abertura forçou um pouco o recesso no setor. A própria abertura trouxe junto muita vigarice, os caras estão explorando demais o sexo, estão explorando o homossexualismo, o sensacionalismo: pegando os vícios da outra imprensa. A coisa essencial é “vender”. Mas continuo achando que a imprensa opcional é

O *Pasquim* foi um jornal feito por meia dúzia de malucos e que alterou o contexto da imprensa brasileira.

uma solução. Bem feita, essa imprensa opcional forçará a grande imprensa a dar cobertura a certos assuntos. Cobra! Envergonha! Força! Aquele negócio: o socialismo força o capitalismo a ceder em certas coisas. Você pega o *Manifesto do Partido Comunista* do Marx: das oito ou dez exigências básicas do Marx, pelo menos uns seis itens nem Uganda deixa de aplicar hoje em dia. O imposto de renda é um deles.